

## O AMAZONAS EM RORAIMA: ASPECTOS HISTÓRICOS ATRAVÉS DOS TOPÔNIMOS

*Maria do Socorro Melo Araújo* (UERR)

[araujomsocorro@gmail.com](mailto:araujomsocorro@gmail.com)

*Thaygra Manoelly Silva de Pinho* (UFRR)

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar os topônimos do Centro de Boa Vista (avenida Ville Roy, rua Dr. Araújo Filho e rua Ajuricaba) e apresentar uma relação entre os estados do Amazonas e Roraima, que também pertence à região amazônica, no extremo norte do Brasil. A pesquisa é de natureza descritiva e, em alguns aspectos, documental, recorremos a documento oficial da Prefeitura Municipal de Boa Vista (PM-BV). Embasados em Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992), analisamos os topônimos e os acomodamos em classes taxionômicas. Como recurso metodológico, utilizamos os questionários toponímicos, elaborados por Heloísa Reis Curvelo-Matos (2014), e entrevistas semiestruturadas realizadas com comerciantes e moradores das ruas cujos topônimos são o foco dessa pesquisa. Os procedimentos partiram da identificação dos topônimos atuais das ruas do Centro da capital e dos que os antecederam. Os dados foram sistematizados em fichas lexicográfica-toponímicas, desenvolvidas a partir dos fundamentos teóricos metodológicos de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992). A pesquisa mostra a relação entre os estados do Amazonas e de Roraima em seus aspectos linguísticos, históricos, econômicos e culturais, como o princípio da história do estado de Roraima e o então desmembramento com o Amazonas, através do topônimo avenida Ville Roy; as guerras existentes entre colonizadores e nativos da Amazônia e sua exploração, através do topônimo rua Ajuricaba; e os aspectos socioeconômicos e linguísticos de Roraima, observados no topônimo rua Dr. Araújo Filho. Quanto à taxionomia dos topônimos oficiais, identificamos 2 (dois) antropotopônimos e 1 (um) axiotopônimo. Fato que pode ser repensado, uma vez que o topônimo avenida Ville Roy em sua essência apresenta uma comenda militar, já que o homenageado era capitão do Exército Brasileiro, constatando a presença de militares na região.

**Palavras-chave:** Toponímia de ruas. História. Roraima. Amazonas.

### 1. Introdução

Nas últimas décadas, o estudo toponímico tem se intensificado no Brasil, com construção de atlas toponímicos e pesquisas que apontam não apenas para o contexto linguístico, mas para o aspecto extralinguístico também. Feições socioculturais como conservação de tradições, usos e

costumes vigentes de uma comunidade são consideradas no ato de nomear um lugar, reforçando que a motivação toponímica vai além da necessidade individual ou coletiva de identificá-lo geograficamente.

Para Maria do Socorro Melo Araújo (2014), sistematizar dados para construção dos atlas linguísticos e toponímicos pode fazer parte da contribuição toponímica para o léxico. Para a pesquisadora, o atlas linguístico apresenta um levantamento das particularidades que singularizam o falar de cada região investigada, assim como o estudo toponímico reflete, com fidelidade, a relação entre língua, geografia, história e cultura, a partir da realidade do lugar, com suas alegrias e indignações, de forma individual ou coletiva.

Esse ponto de vista vai ao encontro de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990) que afirma que os topônimos carregam consigo a história da vida de um povo, mais do que qualquer outra representação do léxico. Dessa forma, esse trabalho pretende, a partir das análises dos topônimos, apresentar uma relação histórica e social entre os estados do Amazonas e Roraima, no extremo norte do Brasil.

É importante registrar que o número de estudos toponímicos realizados nas regiões Norte e Nordeste, o que inclui o estado de Roraima, ainda é incipiente em comparação com as demais regiões brasileiras, embora já despontem pesquisas nesta área. Certamente, por consequência disso, ainda não foi possível a construção do *Atlas Toponímico do Estado de Roraima*, projeto que já faz parte dos anseios dos pesquisadores desta área. Neste sentido, a presente pesquisa poderá contribuir para a sua construção, discutindo a toponímia das ruas do bairro Centro de Boa Vista.

Esse trabalho tem como base teórica os estudos de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990-1992), Patricia de Jesus Carvalhinhos (2002-2003), Aparecida Negri Isquierdo (2012), Heloísa Reis Curvelo-Matos (2014), entre outros pesquisadores que fazem parte deste estudo como revisão de literatura. Os procedimentos metodológicos deram-se basicamente a partir de documentos oficiais e/ou publicados em revistas e jornais de circulação regional, além de entrevistas com os moradores.

O presente texto está organizado a partir desta Introdução, seguida pelos Estudos onomástico-toponímicos, vieses metodológicos, O laço Amazonas e Roraima, Os dados e suas análises e as Considerações finais.

## 2. Estudos onomástico-toponímicos

A onomástica foi reconhecida como ciência apenas no séc. XIX. Os estudos toponímicos surgiram através de Auguste Lignon, em 1878 na França, onde foi verdadeiramente sistematizada, com a publicação da obra *Geographie de La Gaule au Sezièmesiècle*, que segundo Armando Levy Cardoso (1961), foi obra padrão para os estudos naquela época.

A partir do surgimento da onomástica, que a princípio tinha como foco a origem, modificações e causas do nome próprio, tornou-se fundamental a desagregação em duas áreas de pesquisa, a que estuda os nomes próprios de pessoas, antroponímia, e a toponímia, que segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (2007, p. 459) é considerada “[...] do ponto de vista conceitual, como o estudo do nome de lugar, entendimento decorrente dos próprios étimos formadores da expressão, *topos* (lugar) e *onoma* (nome, designação)”.

Armando Levy Cardoso (1961) afirma em sua obra, *Toponímia Brasileira*, que é comum em trabalhos toponímicos que os autores apenas reproduzam o léxico toponímico da maneira como está escrito, geralmente de acordo com os percussores da toponímia da França e também do Brasil, dessa forma, criando apenas repetições muitas vezes errôneas dos léxicos toponímicos.

Há muitos nomes que são escritos deformadamente, bastando, apenas, muitas vezes, para isso, uma simples substituição de letra e, dessa forma, a confusão fica lançada, tornando-se o topônimo, nessas condições, absolutamente irreconhecível. (CARDOSO 1961, p. 120)

Percebe-se com clareza a dificuldade encontrada pelos pesquisadores para o desenvolvimento do estudo toponímico.

Somente depois de aproximadamente 60 anos do surgimento da toponímia, surge o estudo toponímico no Brasil através de Carlos Drummond (1965), que se voltou para os estudos dos nomes indígenas, uma linha de pesquisa que logo após foi seguida também por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a maior toponimista brasileira.

Carlos Drummond (1965) afirma que os estudos brasileiros têm negligenciado a toponímia, pois o Brasil é um país riquíssimo e que praticamente podem ser consideradas inesgotáveis as possibilidades de se estudar topônimos, pois existem nomes das mais diversas origens. O autor percebe pouco interesse dos estudiosos desta área de pesquisa e acrescenta que, com raras exceções, os estudos toponímicos brasileiros, daquela

época, estavam sendo feitos sem métodos apropriados, levando apenas em consideração as palavras de origem tupi, colocando-as em uma lista de palavras indígenas acompanhadas de seu possível significado, sem tentar restaurar a forma antiga do topônimo; interpretar a sua forma primitiva; entender a história das transformações dos topônimos e mudanças fonéticas; entender o desaparecimento do topônimo etc.

A declaração de Carlos Drumond veio ao encontro de Armando Levy Cardoso (1961, p. 314), quando declara que “No Brasil, entretanto, relativamente muito pouco se tem feito nos domínios da toponímia”. Ao observar essas “lamentações”, percebe-se que ambos os autores deixam explícito que esses fatos aconteciam predominantemente no período de início dos estudos toponímicos no Brasil.

Naquele momento da história, o estudo toponímico tinha como objetivo basicamente recuperar a etimologia dos nomes. Somente depois de aproximadamente 40 anos mudou de curso, havendo acréscimo de mais objetivos, dentre eles o de investigar o fato para recuperar o significado do topônimo e o fator motivacional do processo de nomeação. Com isso a toponímia tem se mostrado uma ciência de inter-relação entre os estudos sociais, históricos, linguísticos e culturais.

Patricia de Jesus Carvalhinhos (2002-2003) declara que, apesar de tudo, atualmente os estudos toponímicos no Brasil têm se desenvolvido e se voltado bastante para o resgate da história social de uma região ou comunidade.

Os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm justamente resgatando a história social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória. (CARVALINHOS, 2002-2003, p. 172)

Como se pode perceber, a toponímia se apresenta com um caráter ideológico de resgate histórico. Nesse mesmo sentido, Maria do Socorro Melo Araújo (2014), diz que a toponímia pode possibilitar a reconstrução da história de um povo, uma vez que contida na história social de uma comunidade estão inseridos a cultura, modos de vida, crenças, fatos sociais e suas tradições.

Patricia de Jesus Carvalhinhos (2002-2003) vai além ao comparar a toponímia com um sítio arqueológico, onde se pode construir fatos sociais desaparecidos e contribuir com um material valioso para outras dis-

ciplinas, como a história, geografia humana e antropologia.

Em relação à interação entre léxico e história, Aparecida Negri Isquerdo (2012, p. 115) ressalta que não há como negar “a importância linguística, cultural, social e política do léxico das línguas naturais e sua respectiva relação com a história social das línguas naturais”. Isso porque os efeitos das mudanças da sociedade recaem sobre o léxico.

A partir daí, conforme Karylleila dos Santos Andrade e Lynara Raquel Cavalcante (2009), a toponímia passa a ser estudada a partir tanto da etimologia quanto da semântica nas diferentes situações comunicativas, comparada a outras unidades lexicais, ou seja, levando em consideração não somente o estudo do léxico pelo léxico, mas tomando também como fator importantíssimo o extralinguístico, para que, dessa forma, atenda com fidelidade à taxionomia.

No entanto, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (2008, p. 217) adverte que o estudo toponímico não é tão simples, tendo em vista que “[...] nem sempre o nome reproduz no terreno (ou no indivíduo) o semanticismo da forma ou a ideia conceitual que condiciona o seu emprego, tornando, por vezes, excessivamente inexplicável, o batismo ocorrido”. Quando isso acontece, torna-se necessário reconstruir todo o processo de nomeação ou denominação, até formalizar um contexto final.

É nesse cenário que se encontra o desafio desta pesquisa, estabelecer uma relação específica dos dois estados em referência, Amazonas e Roraima, evidenciando que assim como os estudos da toponímia no âmbito nacional, no contexto regional a ciência tem se mostrado eficiente para a análise linguística, social, cultural e histórica dos nomes próprios de lugares.

## **2.1. O sintagma toponímico**

O sintagma é sempre seguido por um qualitativo que gera sua classe gramatical e sua classificação é determinada pela natureza do elemento que constitui o seu núcleo. Assim, pode ser classificado como sintagma nominal (SN), núcleo um nome; sintagma verbal (SV), núcleo um verbo; sintagma adjetival (SA), núcleo um adjetivo e os sintagmas preposicionados (SP), estes formados por preposição + sintagma nominal. (DICK, 1992)

A análise toponímica identifica a relação binômica do topônimo

com acidente denominado – acidente físico (AF) ou acidente humano (AH) – a partir do uso de uma ou mais línguas e dos valores socioculturais e históricos refletidos naturalmente pelos moradores do lugar. Para Aparecida Negri Isquerdo (2011, p. 469), os topônimos são estudados como signo linguístico e como tal são explorados, dentre outros, seus traços léxico-semântico, morfológico, etimológicos.

No aspecto léxico-semântico, os nomes de lugares têm representação na língua como vocabulário onomástico e são analisados a partir da motivação toponímica. Tal procedimento se realiza considerando a categorização dos nomes e analisados a partir das taxionomias que os reúne por grupo de categorias diferentes como geográficas, históricas, formação interna e externa, categoria gramatical, causa denominativa, mecanismos de nomeação e motivação toponímica.

Atualmente, a nomenclatura mais utilizada pela maioria dos pesquisadores no Brasil, é a de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990) que acrescentou à sua proposta anterior a bipartição das *taxes* em natureza física e antropocultural. Essa ferramenta de trabalho possibilita a avaliação das causas motivadoras dos designativos geográficos e os acomoda em classes.

### **3. *Vieses metodológicos***

Os dados foram obtidos especialmente através de uma pesquisa documental em jornais, revistas e de um documento oficial emitido pela Prefeitura de Boa Vista<sup>104</sup>, além de entrevistas, e aplicação de questionários toponímicos a comerciantes e moradores antigos das ruas em estudo. Tomou-se como base também a metodologia de Heloísa Reis Curvelo-Matos (2014), cuja coleta de dados se deu por meio de entrevista semi-estruturada. No entanto, especificamente para essa pesquisa, o questionário foi adaptado para atender à comunidade local.

Foram respeitados os informantes visto que são sujeitos que constroem o conhecimento e produzem práticas para solucionar problemas e assim, construir sua identidade, têm o conhecimento do senso comum, a partir da prática vivida e, dessa forma, contribuíram para a coleta de dados.

---

<sup>104</sup>Nome de ruas por bairro (2013).

Para os procedimentos de coleta de dados foi necessário traçar as seguintes etapas: a) a identificação das fontes; b) análises dos encontrados em material bibliográfico ou em documentos como dicionários, mapas, revistas, jornais, artigos científicos, monografias, leis, decretos, entre outros; c) aplicação dos questionários toponímicos; d) preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica (DICK, 2004); e) análise dos dados coletados; e f) arquivamento das fichas.

#### **4. O laço Amazonas e Roraima**

A Amazônia teve sua colonização com os europeus, especialmente os portugueses que chegaram ao Brasil pelo litoral. Ao se estabelecerem na Amazônia, perceberam a necessidade de cuidar da grande bacia diante da preocupação de perdê-la; foram tomadas providências como a de incluí-la em seu mapa de conquista colonial. No entanto, os holandeses, franceses, ingleses e espanhóis também tiveram interesses nas riquezas e no comércio do norte do Brasil, via Caribe. Com isso, a mão de obra barata e a possibilidade de escravizar o índio geraram conflitos entre os nativos, colonos e missionários na região, marcando a história de colonização da região. (CRUZ et al., 2014)

Em 9 de julho de 1890, Boa Vista do Rio Branco foi criado a partir do desmembramento de terras do estado do Amazonas (FREITAS, 2001, p. 36). Dada à posição geográfica do estado localizada numa triplíce fronteira – Brasil, República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativa da Guiana e a forte influência indígena, faz-se perceber a diversidade de culturas, línguas e etnias. Porém, para entender essa diversidade é necessário compreender a história da composição de seu povo, desde sua colonização até os dias atuais.

O estado de Roraima tem como capital Boa Vista, possui extensão territorial de 225.116 km<sup>2</sup> e está dividido em 15 municípios. Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2014) há aproximadamente uma população de 496.936 habitantes.

A história da colonização de Roraima assim como a do Amazonas se inicia quando os primeiros portugueses chegaram nestas terras, através do Rio Branco, por volta de 1750 a 1800. Os colonizadores, a princípio com intenção apenas de aprisionar os nativos, “chegaram ao rio Branco [...] capitão Francisco Ferreira e o padre carmelita Jerônimo Coelho [...] com o propósito de aprisionar índios e recolher ovos de tartaruga para fa-

zer manteiga” (FREITAS 1998, p. 71). Roraima foi bastante disputado pelos espanhóis, que conseguiram por um período de tempo fundar povoações, como Santa Bárbara, Santa Rosa e São João Bautista de Cada Cada. No entanto, esses estrangeiros foram expulsos das terras roraimenses pelos portugueses.

Ainda travavam interesses pelas riquezas naturais e minerais do estado, os ingleses e holandeses que “faziam incursões pela região à caça de índios, que eram levados para outras regiões do Brasil para serem explorados como mão-de-obra barata”. (SOUZA, 2008, p. 13). A história foi marcada por lutas e resistência dos índios que não aceitavam a submissão. Vencida a escravidão, hoje o indígena de Roraima desfruta de sua liberdade, mas que continua a luta em defesa de seus direitos, de sua cultura, língua e história.

## 5. Os dados e suas análises

### 5.1. Villeroy: de governador de Manaus à avenida de Boa Vista

A avenida Ville Roy é uma das mais importantes e movimentadas da cidade de Boa Vista, tem seu início no bairro Caçari, próximo ao Roraima Garden Shopping, cruza o bairro Centro e tem seu término no bairro São Vicente, na avenida das Guianas. É uma avenida basicamente comercial, por isso as entrevistas foram feitas com comerciantes, que trabalham nesta avenida há mais de 15 anos. Foram informantes um roraimense e outro maranhense, o primeiro empresário e o segundo taxista.

Mesmo trabalhando há tanto tempo na avenida, ao serem indagados, ambos não souberam responder o motivo do nome da avenida comercial ser Ville Roy, se a avenida teria um nome anterior ou se hoje é conhecida por outro nome. Apesar disso, nas pesquisas em jornais e revistas da cidade encontrou-se o fato motivador da denominação da avenida Ville Roy.

O desenvolvimento do comércio despertou a administração pública em Manaus (AM) para a necessidade de criar uma infraestrutura fiscal-fazendária para a coleta de impostos. Assim o governador da província, *Augusto Ximenes de Villeroy*, (grifo nosso) baixou o decreto n.º 049, de 9 de julho de 1890, criando o município de Boa Vista do Rio Branco, desmembrado do município de Moura, no Amazonas. (SOUZA, 2008, p. 14)

Portanto, o sobrenome do governador da província “Villeroy” foi dado à avenida em estudo. Percebeu-se que este topônimo em especial



demonstra a forte relação da toponímia com a história social de Boa Vista, mostrando assim seu caráter conservador e mantendo preservada a história da criação do município de Boa Vista para futuras gerações.

Quanto à investigação acerca de topônimos anteriores para a avenida, comprovou-se ao analisar o documento oficial obtido na Prefeitura Municipal de Boa Vista que a avenida nunca possuiu outra denominação oficial.

Linguisticamente o topônimo Ville Roy é um topônimo composto, conforme Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992), haja vista que este é formado por mais de um sintagma nominal, assim representado SN = SN+SN. Porém, observa-se que o sobrenome do Governador da província do Amazonas homenageado é “Villeroi” (escrito sem separação). A pesquisa não teve alcance à informação exata do possível momento em que se deu a transformação de sintagma simples em composto, mas pode-se inferir que tenha ocorrido no momento da denominação da avenida pela prefeitura.

Quanto à classificação taxionômica, o topônimo faz parte da taxa dos antropotopônimos pelo fato de ser um nome próprio individual de um personagem político e militar. Fato que pode ser repensado, uma vez que o topônimo avenida Ville Roy em sua essência apresenta uma comenda militar, já que o homenageado era capitão do Exército Brasileiro, constatando a presença de militares na região.

## **5.2. Araújo Filho: doutor ou vendedor?**

A rua Dr. Araújo Filho tem seu início na avenida Sílvio Botelho e seu término na avenida Cap. Ene Garcês. Os informantes são também comerciantes, assim como os da avenida Ville Roy, que trabalham há mais de 15 anos nesta rua, um joalheiro e o outro comprador de joias.

Ao serem indagados, ambos os entrevistados responderam que não sabiam o motivo da rua ter esse nome. No entanto, os informantes afirmam que a rua Dr. Araújo Filho também é conhecida popularmente por “Antiga Rua do Ouro”, acomodado na taxa dos cronotopônimos. Porém, provavelmente essa denominação popular deve-se ao fato histórico do garimpo em Roraima, da prática de compra e venda de ouro ser bastante frequente naquela rua na época do garimpo.

Segundo um informante, o período de garimpo em Roraima foi tão intenso, que a rua do Ouro, então movimentada principalmente por garimpeiros e compradores de ouro, fornecia literalmente pó de ouro, em quantidade que chegava a sustentar famílias que varriam o chão e vendiam esse ouro em pó. Dessa forma, esse fato prova a ocorrência simultânea de um topônimo popular, espontâneo, largamente conhecido pelos moradores da rua e de um topônimo de oficial.

A revista *online* escrita por Emmily Melo (2012)<sup>105</sup> foi o instrumento de busca para se saber quem foi Araújo Filho. Segundo a revista, este foi o primeiro vendedor ambulante da cidade, “o amazonense Manuel Barbosa de Araújo Filho, popularmente conhecido como Caxambu”, essa pessoa chegou a Boa Vista no ano de 1936. Este fato representa o fator motivador do topônimo, que é uma forma de homenagear o primeiro vendedor ambulante de Boa Vista.

Uma reflexão, no mínimo curiosa, emerge ao se entender a motivação da prefeitura em denominar a rua, se o nome da rua é Dr. Araújo Filho, então por que a designação “doutor” à frente do sobrenome Araújo Filho, já que este não era um doutor, e sim um vendedor ambulante?

Buscou-se uma segunda opinião sobre o assunto. A história contada por Dona Leonília Mendonça da Silva, idosa de 78 anos, que desde seu nascimento nunca deixou de residir em Roraima, viveu na zona rural, mais especificamente em Normandia, hoje vive em Boa Vista, relatou que Dr. Araújo Filho, o “Caxambu”, “era um senhor moreno de estatura média, que vivia com os dedos cheio (*sic*) de anel, morava perto da beira do rio, na casa amarela, era conversador, muito estudado, inteligente, por isso era chamado de doutor”.

Além disso, ela esclareceu que na época da denominação das ruas a designação “doutor” não se referia somente ao médico, nem somente ao fato de o indivíduo ser uma pessoa “letrada”, mas por ser uma questão cultural do povo roraimense que chamava de “doutor” a pessoa que tinha um pouco mais de escolaridade ou que sabia se comunicar oralmente “melhor”.

É interessante citar ainda que no bairro Centro da cidade, existe um pequeno centro comercial denominado “Caxambu”, cujo topônimo

---

<sup>105</sup>Disponível em: [EmmilyMelo-portalamazonia@redeamazonica.com.br](mailto:EmmilyMelo-portalamazonia@redeamazonica.com.br)

também é uma homenagem ao amazonense Manuel Barbosa de Araújo Filho.

Embora a rua Dr. Araújo Filho seja hoje conhecida popularmente somente por “rua Araújo Filho”, optou-se por classificar o topônimo como axiotopônimo, seguindo o documento oficial da Prefeitura, visto que a palavra “doutor” acompanha o nome próprio, mesmo que Manuel Barbosa de Araújo Filho não tenha sido de fato um doutor.

Dessa forma, comprovou-se que a toponímia além de conservar a história e as práticas desempenhadas pelo povo roraimense através dos topônimos das ruas, também mantém viva a cultura linguística dos antepassados, preservando assim o falar roraimense.

### **5.3. Ajuricaba: a lenda imortal**

A rua Ajuricaba do bairro Centro de Boa Vista, tem seu início na avenida Ene Garcês e seu término na rua Bento Brasil. Os informantes dessa pesquisa são um feirante aposentado de 82 anos que mora na rua há 45 anos e um auxiliar de mecânico de 40 anos que mora lá há 40 anos. Segundo eles, a rua Ajuricaba teve um nome anterior, “José Coelho”, e até hoje a rua ainda é conhecida por esse nome, assim o topônimo “José Coelho”, permanece em uso pela comunidade concomitantemente com o topônimo Ajuricaba.

Porém, segundo o documento da Prefeitura Municipal de Boa Vista, não existe nenhum nome oficial anterior ao nome atual Ajuricaba. Assim, fica evidente que o topônimo “José Coelho” é um topônimo espontâneo, ou seja, a própria comunidade denominou a rua. No entanto, a pesquisa não conseguiu apresentar mais dados acerca deste topônimo. Nesse caso, não se deve catalogar, já que se tem apenas um nome, sem história (seja oral ou bibliográfica), mas, aparentemente é um nome próprio de pessoa, ou seja, um antropotopônimo.

Além disso, os informantes acreditam que a denominação Ajuricaba é por ser uma menção a uma árvore de que se faz remédio. Porém, nas pesquisas realizadas, não se encontrou nada que mencione árvores ou remédios, apenas outros possíveis motivos para a denominação dessa rua.

O motivo mais plausível foi encontrado no jornal *Folha de Boa Vista*, que retrata a história de um líder indígena da nação dos manaós, a qual serviu de motivo para a denominação da rua. Segundo Francisco

Cândido (2007), havia rebeliões indígenas contra a expansão colonialista portuguesa, pois o Brasil-colônia, durante o período de 1706 e 1750, recrutava índios para mão de obra na colheita de cacau. Dentre essas rebeliões, a que ficou mais conhecida foi à liderada pelos índios manaós, que tinha como chefe o índio guerreiro Ajuricaba, o qual foi acusado de traição, para que o governador do Gão-Pará, o general João Mai Gama, conseguisse a sua prisão.

[...] já que havia a acusação de que Ajuricaba ajudava os holandeses, inimigo dos portugueses na região Amazônica. [...] Ele e outros chefes indígenas foram feitos prisioneiros e levados de barco para julgamento em Belém do Pará. Em meio a viagem, [...] ao passar próximo ao sítio das Lages (próximo do encontro das águas dos rios Negro e Solimões), a caminho da sua execução pública que iria acontecer na cidade de Belém, Ajuricaba, mesmo algemado, jogou-se no rio e se afogou. (CÂNDIDO, 26.10.2007 – Minha Rua Fala, p. 08)

Quanto à classificação em taxes o topônimo Ajuricaba pertence à classe dos antropotopônimos, pois é um topônimo constituído por nome individual, que tende a homenagear um líder indígena da Amazônia com características heroicas.

Percebe-se que o topônimo Ajuricaba apesar de ser um antropotopônimo, tem uma característica histórica por manter viva a história das guerras ou lutas enfrentadas pelo povo indígena no período da colonização brasileira, tentando demonstrar por uma parte o heroísmo indígena da Amazônia.

O topônimo Ajuricaba é um topônimo de origem indígena, que segundo Francisco Cândido (2007, p. 08) significa “Ajuri = reunião e Cauá = marimbondo”. Porém, na entrevista feita com Dona Leonília Mendonça da Silva, o prefixo “ajuri” não significa apenas uma reunião comum, mas uma reunião de trabalhadores.

O ajuri era assim: os donos de roça chamavam os “cabocos”, mas tinha civilizado também, para ir trabalhar nas suas roças e como recompensa era dado comida para eles, iam homens, mulheres, crianças e até cachorro. Quando eles terminavam o serviço eles “batiam inchada”. (Dona Leonília, 2015)

Segundo Dona Leonília o “bater inchada” é um termo que é usado para o ato de jogar a inchada, e/ou outros instrumentos usados no trabalho agrícola, aos pés do dono da roça, para indicar o término do serviço. O “ajuri”, como chama Dona Leonília, é conhecido em todas as terras indígenas roraimenses, bastante praticado por volta de 1960, e também é conhecido por “adjunta”.

Segundo Francisco Cândido (2007), a língua indígena nhengatu (língua geral), Ajuricaba significa “Wayury-kawa”. Linguisticamente, pode-se observar que este topônimo sofreu processo de aportuguesamento “Wayury-kawa” > “ajuri” > “adjunta”. Essa análise mostra a presença da língua indígena nhengatu nos topônimos roraimenses, língua do tronco linguístico tupi, falada pelos nativos amazonenses e paraenses.

## **6. Considerações finais**

A pesquisa mostra, através da análise dos topônimos oficiais, a relação entre os estados do Amazonas e de Roraima em seus aspectos linguísticos, históricos, econômicos e culturais, como o princípio da história do estado de Roraima e o então desmembramento com o Amazonas, através do topônimo avenida Ville Roy; as guerras existentes entre colonizadores e nativos da Amazônia e sua exploração, através do topônimo rua Ajuricaba; e os aspectos econômicos e modo de falar roraimense, observados no topônimo rua Dr. Araújo Filho.

Na análise de dados percebe-se que dos topônimos oficiais, 2 (dois) são da taxa antropotopônimos e 1 (um) axiotopônimo. A pesquisa mostra a relevância da primeira categoria para os estudos toponímicos, já que de certa forma, o topônimo Dr. Araújo Filho, em uso em o designativo “Dr” apresenta aspectos de um antropotopônimo. Os dados revelam características sócio históricas, econômicas e linguísticas dos roraimenses.

Em relação aos topônimos não oficiais, ou topônimos espontâneos, antiga rua do Ouro da classe dos cronotopônimos e rua José Coelho da classe dos antropotopônimos.

Em geral, a análise desses topônimos permite afirmar que através da toponímia pode-se recontar a história do período de colonização do estado, seu desmembramento do estado do Amazonas, justificando a “independência” econômica de Roraima.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Karylleila dos Santos; CAVALCANTE, Lynara Raquel. O estudo dos nomes no contexto da BR Belém-Brasília: Análise das fichas lexicográfico-toponímicas, In: *Anais do XIII Congresso Nacional de Lin-*

*guística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p. 862- 873.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. *Toponímia de comunidades indígenas do município de Pacaraima*. 2014. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras. Boa Vista – RR.

CÂNDIDO, Francisco. Rua Ajuricaba. *Folha de Boa Vista*, Boa Vista RR, p. 08, 26 out. 2007.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. *Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: toponímia os sociotopônimos de Aveiro (Portugal)*. *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 172-179, dez.2002-fev.2003.

CRUZ, Maria Odileiz S.; HULSMAN, Lodewijk; OLIVEIRA, Reginaldo Gomes. *A Brief Political History of the Guianas: From Tordesillas to Vienna*. Boa Vista-RR: EdUFRR, 2014, pp.11-82.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. *Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA*. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Edições Arquivos do Estado de São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. A toponímia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o projeto ATESP (*Atlas Toponímico do Estado de São Paulo*). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. III. Campo Grande: UFMS, 2004.

\_\_\_\_\_. A terminologia nas ciências Onomásticas. Estudo de caso: O projeto ATESP (*Atlas Toponímico do Estado de São Paulo*). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 459-471.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. A toponímia como meio de investigação linguística e antropológico-cultural. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande: UFMS, 2008, p. 215-231.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1965.

ESTADOSAT. Online. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rr>>. Acesso em: 18-12-2015.

FREITAS, Aimberê. *Estudos sociais: Roraima (Geografia e História)*. 1. ed. São Paulo: Corprint, 1998.

\_\_\_\_\_. *Geografia e história de Roraima*. Boa Vista: DLM, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os animotopônimos na toponímia brasileira: um estudo de caso. Análisis de estructuras lingüísticas. In: XVI Congreso Internacional de la ALFAL. UFMGS. *Anais...* Brasil/Alcalá, 2011.

\_\_\_\_\_. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e cultura. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. VI. Campo Grande: UFMS, 2012, p. 115-139.

NOME de ruas por bairro. Departamento de Cadastro Imobiliário – DCI. Secretaria Municipal de Economia, Planejamento e Finanças. Prefeitura Municipal de Boa Vista. 19 de mar. 2013, p. 12-14.

SOUZA, Jessé. Boa Vista 118 anos, em fatos e fotos. *Folha de Boa Vista*. Boa Vista, 3 de jul. 2008.